



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9698 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT04 - Didática

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR E O EXERCÍCIO DE AUTORIA: A ESCRITA DE DIÁRIOS DE FORMAÇÃO EM PAUTA

Elisangela André da Silva Costa - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO

INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Elcimar Simão Martins - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO

INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Maria Socorro Lucena Lima - UECE - Universidade Estadual do Ceará

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR E O EXERCÍCIO DE AUTORIA:
A ESCRITA DE DIÁRIOS DE FORMAÇÃO EM PAUTA**

Resumo:

O presente estudo objetiva refletir sobre os limites e possibilidades da escrita de diários como estratégia de formação do professor pesquisador. Ancorada na pesquisa e na reflexão como princípios formativos, a investigação toma como ponto de partida a crítica à racionalidade técnica historicamente presente nos contextos formativos e de exercício profissional docente, examina o exercício de autoria evidenciado na escrita e suas relações com o fortalecimento da identidade dos professores como intelectuais. Metodologicamente se organiza a partir da abordagem qualitativa, valorizando elementos relacionados ao contexto e aos sujeitos. Utiliza como estratégia investigativa a análise de diários de formação produzidos por mestrandos de um programa de pós-graduação stricto sensu, em que relatam suas vivências formativas. O exercício de autoria, vivido pelos sujeitos, anuncia, por um lado, experiências de subalternização e de resistência acumuladas ao longo das trajetórias formativas e profissionais; por outro expressa o potencial emancipatório da escrita e da reflexão na formação do professor pesquisador, em decorrência da apropriação crítica da unidade indissociável entre teoria e prática, na perspectiva da práxis, e do convite à leitura e à problematização das próprias trajetórias.

Palavras-chave: Formação de Professores. Diários de Formação. Ensino com Pesquisa.

Introdução

A formação de professores ao longo das últimas décadas tem se tornado uma importante pauta de reflexão que coloca em jogo as tensões e contradições presentes no contexto social em que se inserem, desvelando os diferentes projetos de sociedade aos quais se vinculam.

A pesquisa em educação, a partir dos contributos da Pedagogia enquanto Ciência que se ocupa de estudar a práxis educativa, tem diante de si o desafio de problematizar as intencionalidades presentes na formação e no exercício profissional docente e construir conhecimentos que possam nutrir novas práticas, orientadas por compromissos emancipatórios. Tal desafio decorre das heranças históricas da racionalidade técnica, que dicotomizam teoria e prática, sujeito e objeto do conhecimento, e quem vêm sendo atualizadas no contexto contemporâneo pela lógica produtivista que reduz o processo formativo a uma dimensão instrumental que visa a busca por resultados (PIMENTA, 2018), inclusive nos mestrados e doutorados.

Diante do exposto, foi formulada uma pesquisa guarda-chuva que toma como objeto de investigação os registros acadêmicos como mediadores da reflexão e da construção do conhecimento em um programa de pós-graduação de uma universidade pública cearense. Dela emergiu o presente estudo que objetiva refletir sobre os limites e possibilidades da escrita de diários como estratégia de formação do professor pesquisador numa perspectiva emancipatória. A produção de dados foi realizada junto a mestrandos que atuam como docentes no contexto da educação básica, observados os padrões éticos de pesquisa, e analisada a partir dos contributos de autores que versam sobre formação de professores.

A formação de professores pesquisadores e a escrita de diários

Ao longo das últimas décadas, a formação de professores tem se constituído como uma importante fonte de reflexões sobre os desafios históricos que atravessam a docência enquanto profissão, considerando as tensas e contraditórias articulações que se estabelecem entre o processo de qualificação profissional desses sujeitos e seus reflexos no cotidiano das instituições de ensino em que atuam (FRANCO, 2019). A natureza de tais articulações, convém ressaltar, varia de acordo com os horizontes para onde os processos formativos vividos caminham, considerando as bases teóricas, políticas e pedagógicas que os sustentam.

A dicotomia entre teoria e prática, postura epistemológica comum aos modelos de formação que se pautam na racionalidade técnica, acaba por cindir o pensar e agir, o saber e o fazer, fragmentando não só o processo de construção do conhecimento, mas os próprios sujeitos, fato que afeta negativamente sua autonomia e os desumaniza. As críticas a estes modelos de formação que emergem da Pedagogia como ciência da educação se sustentam no reconhecimento da unidade indissociável entre teoria e prática, na perspectiva da práxis; do professor como intelectual capaz de construir, a partir de uma postura investigativa e problematizadora, novos conhecimentos e novas formas de intervenção na realidade (PIMENTA, 2018).

A formação de professores, numa perspectiva reflexiva, tem sido apontada por inúmeros pesquisadores como aquela necessária à apropriação crítica dos fundamentos que sustentam a produção do conhecimento e a própria profissão (ALARCÃO, 2011; DINIZ-PEREIRA, 2014). No entanto, as formas como tal perspectiva se materializa são, ainda, um desafio, tendo em vista a trajetória histórica que vincula as universidades brasileiras à racionalidade técnica, que segue sendo atualizada pela perspectiva produtivista que avança sobre as instituições de ensino superior, sobretudo nos programas de pós-graduação.

O exercício da reflexão, mediado pelo diálogo, alcança significado formativo e epistêmico quando promove meta-reflexões que resultam na construção de conhecimentos, utilizados como referências para a organização do pensamento e da ação (ALARCÃO, 2011; LANZILOTTA, 2018). Dentro dessa perspectiva, os diários têm sido utilizados como instrumentos de formação em contextos formativos diversos, buscando contribuir para o

processo de desenvolvimento profissional docente.

Porlán e Martín (1997) destacam que a escrita desse gênero põe em movimento um processo investigativo que parte de descrições mais objetivas das práticas profissionais e avança na compreensão das mesmas, colocando em diálogo concepções e crenças que sustentam a ação docente, assim como os dilemas de diferentes ordens a ela relacionados, de modo que sejam superados a partir dos processos de reflexão.

Para evidenciar o potencial expressivo e também formativo que o diário carrega consigo, Zabalza (2004) indica quatro aspectos presentes na escrita desse gênero: a exigência do registro escrito e, portanto, o exercício da autoria; a reflexão, que demanda o olhar problematizador sobre a realidade; integração do expressivo e do referencial, articulando elementos subjetivos e objetivos na leitura da realidade; e o caráter histórico e longitudinal, que traduz a processualidade do fenômeno.

O exercício dialógico materializado através da escrita do diário de formação, tendo em vista sua natureza reflexiva, alinha-se à compreensão da linguagem e da educação como práticas sociais, em que se fazem presentes conflitos e concordâncias próprios das relações entre os sujeitos, que abrangem aspectos variados, como políticos e ideológicos (BAKTHIN, 2006; PIMENTA, 2018), agregando valor para a formação do professor pesquisador.

O que revelam os diários de formação

Nos escritos dos mestrandos, sujeitos da presente pesquisa, encontramos evidências do processo de apropriação crítica das trajetórias e as expressões dos lugares de fala que situam os desafios sociais vividos, sobretudo pelas mulheres, para efetivar seus processos de formação.

Nós que, historicamente, ficamos “reservadas” aos cuidados do lar e dos filhos, lutamos, comemoramos o direito ao estudo e ao trabalho e não refletimos em relação ao quanto todas essas mudanças não foram acompanhadas por intervenções que nos garantissem equidade em relação à condição masculina. Nesse assunto, meu lugar de fala é também um lugar de quem vivencia as dificuldades desse processo (M1).

A partir do exposto, verificamos a necessidade de reconhecimento da educação como uma prática social situada e não neutra, o que nos leva a entender os desafios vividos pelos mestrandos em suas trajetórias formativas a partir, não só da dimensão cognitiva, mas também das condições materiais de existência e das relações de poder nelas estabelecidas (FRANCO, 2019). O exercício da escrita de M1, enquanto comunicação verbal, é atravessado pelas condições objetivas em que se deu sua produção (BAKTHIN, 2006) e revela processos de subalternização vivido pela mestranda como mulher, mas sobretudo de resistência.

Às questões de poder anunciadas por M1, somam-se as apresentadas por M2, ao apontar marcas das trajetórias formativas relacionadas às áreas de conhecimento ditas “duras”.

Outro grande choque de realidade, embora isso seja algo normal para a maioria das pessoas, é a escrita carregada de expressões de sentimentos: como a pessoa se sentiu, reagiu diante desse algo novo, poder expressar suas ideias e construções de pensamentos. Isso é completamente novo, as pesquisas em educação buscam compreender as relações na sociedade e o impacto das práticas educativas em tudo isso. No entanto, na área técnica qualquer vestígio de expressão de sentimento ou impressões que não sejam pautadas em interpretações de dados técnicos é descartado e orientado que não aconteça (M2).

Para Lanzilotta (2018), o exercício de autoria constitui-se como um “projeto de dizer” que propicia ao professor a oportunidade de refletir, aproximar-se de concepções teóricas, ressignificar suas experiências e, neste processo, afirmar sua identidade. Assim, os professores pesquisadores vivenciam uma estratégia de formação capaz de romper com uma racionalidade marcadamente técnica em direção a uma racionalidade crítico-reflexiva que destaca a importância do professor como pessoa e como sujeito histórico.

O reconhecimento de si como intelectual é uma conquista progressiva, cercada dialeticamente pela negação e pela afirmação dessa condição, tanto nos espaços de formação, quanto de atuação profissional.

Muitas vezes, somos reduzidos, enquanto professores, à dimensão técnica, ou seja, alguém a quem cabe a apropriação e a reprodução daquilo já elaborado, como uma determinada teoria ou metodologia. Mas, à medida que nos percebemos como intelectuais, vamos compreendendo melhor a dinâmica do nosso trabalho e a possibilidade de tecer a crítica (M3).

Quando assumimos a posição de professor reflexivo, ficamos inquietos com as meras reproduções tecnicistas, pois à medida que vivenciamos o processo de reflexão, nos emancipamos e aprendendo não se contentar mais com a perspectiva somente individual, mas de maneira coletiva influenciando outros também a pensarem de maneira crítica (M4).

Diante dos desafios postos pela realidade, em que se evidenciam os embates relativos às concepções do professor como produtor e como consumidor de conhecimento, evidencia-se a necessidade de uma sólida formação que oportunize a apropriação crítica de referenciais teóricos (PIMENTA, 2018), sem perder de vista as relações que este sujeito estabelece consigo mesmo, com o outro e com a totalidade, visando tanto a compreensão das práticas profissionais, quanto sua transformação. De acordo com M5:

[...] foi importantíssimo o conhecimento das teorias e fundamentos, que são alicerces da nossa caminhada. Foi igualmente importante agregarmos nesse processo de construção, as nossas experiências pessoais, profissionais, os desafios que aparecem no exercício cotidiano da docência, sempre fazendo essa relação: “a minha relação comigo enquanto pessoa e enquanto profissional”, “a relação com o outro” e, também, com “a totalidade” (M5).

A dinâmica formativa anunciada por M5 reafirma o avanço dos processos de produção dos diários como movimentos formativos, mas também investigativos, com forte teor emancipatório (PORLÁN; MARTÍN, 1997; ZABALZA, 2004).

A processualidade da formação e dos registros escritos é anunciada por M6 ao avaliar a trajetória no primeiro semestre do curso de mestrado:

O sentimento de escrever o último diário de formação da componente, é o mesmo sentido no decorrer de toda a aula: satisfação e orgulho da trajetória caminhada até aqui, encerramento de ciclos, crescimento, reflexão, esperança no novo ciclo que irá se iniciar, tudo isso embalado ao ritmo da saudade e da gratidão. É muito bom olhar para trás e ver o quanto amadurecemos como profissionais, mas sobretudo como pesquisadores/as, neste primeiro semestre de mestrado, superando os desafios, nos reinventando para seguirmos firmes na escolha de sermos professores/as pesquisadores/as (M6).

Situada como experiência de formação contínua, a trajetória dos professores pesquisadores como estudantes de mestrado necessita promover a integração crítica de múltiplas dimensões da vida e da profissão, gerando vivências que proporcionem a transformação das identidades, orientadas pela perspectiva emancipatória (FRANCO, 2019).

Assim, o movimento de reflexão e de aprendizagem da/pela pesquisa avança através do contínuo exercício do diálogo, da aprendizagem do olhar, da escuta sensível, com vistas ao

progressivo fortalecimento da autoria de textos, mas também das práticas profissionais e da própria vida.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, refletimos sobre os limites e possibilidades da escrita de diários como estratégia de formação do professor pesquisador, como forma de superação da racionalidade técnica que reduz a sua identidade à de consumidores de conhecimentos produzidos por especialistas.

Ancorado na racionalidade crítico-reflexiva que reconhece o professor como intelectual, o exercício da autoria de diários oportunizou aos sujeitos o desvelamento de experiências de subalternização e de resistência acumuladas ao longo das trajetórias formativas e profissionais; assim como expressou o potencial emancipatório da escrita e da reflexão na formação do professor pesquisador.

Referências

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escolar reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. **Perspectiva em diálogo**.: Rev. Educ. Soc., Naviraí, v.01, n.01, p. 34-42, jan-jun.2014.

FRANCO, M. A. S. Formação continuada de/para/com docentes: para quê? Para quem?. In IMBERNON, F.; SHIGUNOV NETO, A.; FORTUNATO, I. (Org.). **Formação permanente de professores: experiências ibero-americanas**. São Paulo: Hipótese, 2019.

LANZILLOTTA, A. S. O. **Autoria docente (e discente) na formação continuada de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 140f.Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

PIMENTA, S. G. As ondas críticas da didática em movimento: resistência ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal. In SILVA, M.; NASCIMENTO, C. H. C.; ZEN, G. C. **Didática: abordagens contemporâneas**. Vol.1. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2018.

PORLÁN, R. MARTÍN, J. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada, 1997.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.